

HOMENAGEM

AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY NO ANO
DO SEU CENTENÁRIO (1876-1976).

(Homenagem da Congregação da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo).

MYRIAM ELLIS

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo.

Não é especialmente fácil falar sobre Affonso de Taunay, tal a amplitude da sua envergadura intelectual, com seus conhecimentos enciclopédicos, sua densidade humanística, sua invulgar capacidade de trabalho, sua memória privilegiada e sua volumosa obra que legou à posteridade. Se dezenas de veredas levam a ele, nele se encontram, ainda, múltiplas facetas de humanista, cientista, pesquisador, cronista, historiador, genealogista e linguista.

Falar em Affonso d'Escragnolle Taunay, é falar na sua obra, múltipla e variada, compreendendo temas referentes à História do Brasil, à História de São Paulo, à História da Ciência, à Filologia e incursões no domínio da ficção.

Obra de mestre, a que se vincula soma incalculável de ensinamentos que generosamente distribuía através de consultas pessoais e de volumosa correspondência rica de dados preciosos e precisos e que passa à posteridade como fonte de informações.

A História pátria e, em particular, tudo o que se refere à História de São Paulo — boa parte — constituíram a principal preocupação de sua vida de estudo e de trabalho. Quanto a São Paulo, cabe ressaltar, entre outras, a *História seiscentista da Vila de São Paulo* (4 volu-

(*) . — Alocução proferida pela Autora na reunião de 19 de agosto da Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (*Nota da Redação*).

mes) e a *História da Cidade de São Paulo* (5 volumes). E a alentada *História Geral das Bandeiras Paulistas*, em 11 volumes, publicados de 1924 a 1950 (que lhe valeu o prêmio Capistrano de Abreu, instituído pelo Governo, para o melhor estudo histórico baseado em pesquisas originais); e a *História do Café no Brasil (1927-1937)*, em 15 volumes, encomendados pelo Departamento Nacional do Café, sintetizada em volume intitulado *Pequena História do Café no Brasil*.

Alem da sua enorme produção científico-literária — acima de uma centena de volumes — alem de sua contribuição para revistas, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e outras, para vários jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro — haja vista ao *Jornal do Comércio*, para o qual escreveu durante mais de trinta anos, material esse que recortou e colecionou em 60 alentados volumes — alem disso, promoveu a edição dos *Anais* do Museu Paulista e diversas reedições da obra de velhos cronistas, como Pedro Taques, Frei Gaspar, (que defendeu das injustiças de Cândido Mendes de Almeida) e outros, reedições enriquecidas de comentários. E realizou inúmeras traduções, entre as quais a da *A Retirada da Laguna* do Visconde de Taunay, seu pai.

Indispensavel será acrescentar o discurso de recepção de seu amigo Rodolpho Garcia, na Academia Brasileira de Letras, em 1935, primoroso estudo da historiografia brasileira na época, bem como a excelente conferência pronunciada em maio de 1911, na abertura do Curso de História Universal, da Faculdade Livre de Filosofia e Letras de São Paulo, de cuja fundação pelos beneditinos, participou, conferência que intitulou *Os Principios Gerais da Moderna Critica Histórica*, publicada na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. XVI, (p. 225 a 344) e ainda plena de atualidade.

Convem, tambem, ressaltar a sua contribuição a obras alheias, muitas raríssimas e da maior importância histórica, científica, literária e artística. Nesse campo foi um dos mais férteis autores brasileiros.

De formação intelectual na área das ciências experimentais, cõns-cio do exato senso da responsabilidade e atento à busca da verdade, preocupava-o, propriamente, a transposição para o papel, tão logo lhe fosse possivel, das copiosas informações resultantes de ininterrupto desbastamento do intrincado de vetustíssima documentação de arquivos nacionais e estrangeiros.

O importante era relatar os fatos desvendados à força de exaustivo, beneditino trabalho de pesquisa, crítica, seleção e aproveitamento das fontes.

Abstinha-se de ir muito adiante na interpretação, receiando a deturpação dos fatos. Não foram, propriamente, seus objetivos, a interpretação e o fino acabamento, mas a revelação da verdade, através da obtenção da *matéria-prima* extraída do desconhecido.

Coube a Affonso de Taunay realizar gigantesco projeto de reconstrução histórica de toda uma época mal conhecida.

Perseverente e fidedigno, alargou o conhecimento da nossa História, através do que José Honório Rodrigues, em *História e Historiografia*, denomina de “uma das maiores revisões factuais na historiografia”.

Nasceu o “revisonismo histórico” da publicação, em 1894, da *História Geral do Brasil* de Varnhagen e das críticas que suscitou, da parte de Capistrano de Abreu, com a finalidade de revisão, correção, ampliação dos grandes quadros históricos já construídos, acréscimos, atualização, ou melhor, revisão ideológica e dos recursos e métodos de trabalho.

Affonso de Taunay e Rodolfo Garcia representaram a corrente. Mas, enquanto Rodolfo Garcia corrigia e emendava, com minúcias eruditas, a obra de Varnhagen, Taunay, com visão realista da História, construiu um mundo novo, o que lhe valeu a liderança da historiografia brasileira.

Se narrou e descreveu mais do que compreendeu e interpretou, se deixou de melhor arrumar e associar seu material, ou de se esmerar na indicação das fontes, legou-nos a mais preciosa das contribuições ao estudo dos fundamentos da História nacional, ao desvendar dois grandes períodos, através das *História das Bandeiras* e da *História do Café*, dos quais foi o historiador e entre os quais, afirma Sérgio Buarque de Holanda ser possível “vislumbrar o elo às vezes secreto que os unifica num ritmo comum”.

Dentro desse esquema que abrange quatro séculos de “revisonismo histórico”, enquadra-se a obra de Affonso de Taunay que amplia a concepção nacional do político, do ético e do religioso, para o econômico e o social; que ao invés de se ocupar da super-estrutura governamental, das minorias dirigentes, das personalidades, buscou estudar os movimentos coletivos, grupais, sociais, populares, como as bandeiras e reconstituir a secular estrutura econômica da sociedade brasileira.

Despersonalizou o interesse da História. E não se esqueceu da mão-de-obra escrava, ao apresentar os *Subsídios para a história do tráfico africano no Brasil Colonial*.

São esses os dois aspectos principais da obra de Afonso de Taunay, que mostra uma História realista, ativa e criadora, como é a própria História de São Paulo.

Se ainda “é cedo para um exame crítico do espólio literário de Taunay, ainda a ser lido e relido, analisado e revisto pelas futuras ge-

rações de historiadores”, segundo José Honório Rodrigues, desde já se pode dizer que Taunay “fez crescer o mundo espiritual de nossa herança histórica”.

Ninguém poderá prescindir da obra de Afonso de Taunay para conhecer e para estudar a História da nossa expansão geográfica e conquista territorial, a História do Café ou a da Cidade de São Paulo, ou a da sociedade paulista do passado, além de outros múltiplos assuntos.

E, no Brasil e no estrangeiro, na grande família dos historiadores, seu nome permanecerá ao lado dos maiores do seu tempo, como “um dos expoentes máximos da cultura brasileira”, à qual prestou “serviços de valor inestimável”, no dizer de Roberto Simonsen, em carta a Taunay, de 3 de dezembro de 1945, durante as homenagens que prestou o Governo do Estado ao nosso historiador, por ocasião da sua aposentadoria.

Na longa e profícua existência que se estendeu de 11 de julho de 1876 a 20 de março de 1958, cinquenta anos da vida de Afonso de Taunay correspondem à sua obra de investigação histórica. Os vinte anos que dedicou ao ensino das ciências físicas pertencem à primeira fase da sua vida.

Os dois períodos, porém, não se distinguem por uma separação nítida e se entrosam. O segundo período iniciou-se muito antes do término do primeiro.

Ao aproximar-se do fim o curso de engenharia civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro (mais tarde escola Nacional de Engenharia) ao princípio do ano de 1899, já havia ingressado Afonso de Taunay no corpo docente da Escola Politécnica de São Paulo, como “preparador” de Química. Passou a lente substituto em 1904 e, em 1911 à cátedra de Física Experimental, de que foi o primeiro ocupante.

No efetivo exercício do magistério permaneceu Afonso de Taunay até fins de fevereiro de 1917, ocasião em que o presidente Altino Arantes o designou para dirigir, em comissão, o Museu Paulista, a requerer urgente atenção e valorização do patrimônio histórico ali relegado a plano ínfimo, conforme depoimento posterior de Taunay, incumbido, na ocasião, de preparar o estabelecimento para as comemorações do centenário da Independência. Naquela instituição se efetivou definitivamente, o nosso historiador, seis anos mais tarde, quando, então, solicitou exoneração da sua cátedra.

Prestou ao Museu Paulista os mais relevantes serviços, até mesmo depois de atingido pela aposentadoria compulsória, aos 70 anos de idade. Aposentadoria que lhe foi conferida, não como simples complemento

da idade, mas, acompanhada do título de SERVIDOR EMÉRITO, pelo bons serviços prestados durante longo período de quarenta e sete anos.

Durante vinte e quatro anos foi Affonso de Taunay membro do corpo docente da Escola Politécnica de São Paulo, onde efetivamente exerceu o magistério por mais de dezoito anos. Concomitantemente, lecionou Física e Química, História Geral e do Brasil no Ginásio de São Bento, com a proficiência evocada por Gontijo de Carvalho em expressivas páginas de reminiscências daquele colégio, na obra *Ensaio Biográficos*.

Foi, ainda, Affonso de Taunay, o primeiro catedrático de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e também da Faculdade *Sedes Sapientiae* católica feminina, além da de São Bento, dos monges beneditinos, da qual foi um dos fundadores.

Senhor Diretor, Meus Colegas.

Neste momento se me oferece grata oportunidade para cumprir um dever: o de homenagear, em nome desta Congregação, a memória de Affonso de Taunay, na qualidade de atual titular da disciplina de História do Brasil, antiga Cadeira de História da Civilização Brasileira, de que foi ele o primeiro ocupante, pouco depois de inaugurar-se esta Faculdade e instalar-se a Universidade de São Paulo, a 25 de janeiro de 1934.

Em 1935, foi o Dr. Affonso de Taunay convidado pelo governo do Estado de São Paulo para reger aquela Cadeira, que dirigiu nos idos daquele ano até os de 1937. Integrou equipe de renomados professores brasileiros e estrangeiros, com os quais colaborou no estabelecimento das bases fundamentais desta Faculdade.

Ministrou aulas aos alunos das sub-seções de Geografia e História e de Ciências Sociais, em que abordou os fatos políticos-econômicos-sociais e a evolução literário-artística dos primeiros três séculos da vida brasileira.

Adotava o método de preleções e servia-se de preciosa documentação manuscrita e iconográfica do Museu Paulista, sob sua direção, o que conferia aos cursos feição profundamente objetiva e original.

O *Anuário* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, correspondente aos anos de 1939-1949, estampou o seu expressivo discurso de paraninfo da turma dos licenciandos de 1939, em que evoca a evolução do ensino no Brasil e a missão cultural da Universidade de São Paulo e, por conseguinte, a da Faculdade de

Filosofia. E louva o fato de as “coisas do Brasil” começarem a “encontrar público” e “público avultado” e, no Brasil avolumarem-se “estes atestados de aprimoramento cultural”...

E, dirigindo aos licenciandos a sua mensagem, entre o muito que disse, assim se pronunciou:

“Acompanhareis esta legião cada vez maior de pesquisadores, analistas e generalizadores que, incansavelmente, nos gabinetes, nos laboratórios, nas aulas, vivem empolgados pelos problemas da defesa da vida, da melhoria da Humanidade e do desenvolvimento dos mistérios da Criação...

... Assim tereis de exercer a vossa atividade num campo de espiritualidade pura que é o mais nobre terreno de todas as cogitações humanas. Tratai de o lavar com todas as veras da alma e todas as energias do vosso trabalho probo.

Complexas como são as circunstâncias que envolvem as nossas vidas precárias de pobre barro condenado a voltar à condição de pó, conduzidas pelas determinações da Providência, poucos podem fazer grandes coisas... raros os que conseguem realizar pequena parte daquilo que anelaram produzir... mas todos podemos fazer alguma coisa, de algum relevo, embora até em situações das mais penosas, das mais atribuladas...

Nada, pois de desânimo e ceticismo, que vereis o ângulo de visão de vossos contemporâneos cada vez mais se alargar em matéria de compreensão e de utilidade de vossos serviços. Cumpre... que adoteis uma paráfrase...: sobre a inflexível rigidez da verdade, a excelência das coisas do intelectualismo puro”.

Em 1937, por força do dispositivo federal que interdita o acúmulo de funções públicas remuneradas, devendo optar entre a cátedra da Faculdade de Filosofia e a direção do Museu Paulista, preferiu o Dr. Affonso de Taunay manter-se à testa do Museu, uma das grandes paixões da sua vida, para onde fora conduzido por influência do, também historiador, o Presidente Washington Luiz.

Ali permaneceu até fins de 1945, quando o atingiu a aposentadoria compulsória. Aposentadoria que, no dizer de Serafim Leite, em carta a Taunay, do Rio de Janeiro, a 8 de dezembro de 1945 “assumi quase foros de acontecimento nacional, diluindo a nostalgia do facto na consagração pública”, carta na qual se confessa o historiador da Companhia de Jesus no Brasil, “um dos que mais proveito tiveram da utilidade literária e histórica da sua grande vida”...

Na Faculdade de Filosofia, foi Affonso de Taunay sucedido, em 1938, por Alfredo Ellis Junior, em caráter interino até 1939, quando,

mediante concurso assumiu o professor Alfredo Ellis Junior a cátedra de História da Civilização Brasileira, da qual, por motivo de saúde foi obrigado a se afastar em 1952 e se aposentar em 1956.

Sucedeu-o Sérgio Buarque de Holanda, em 1956 e, em 1958 passou, por concurso, à cátedra onde permaneceu até fins de 1971.

Tive o privilégio e a felicidade de trabalhar sob a direção do Prof. Dr. Alfredo Ellis Junior, meu pai, desde 1948 e, desde 1956, sob a do Prof. Dr. Sérgio Buarque de Holanda, a quem tive a honra de suceder em 1972, à testa da disciplina de História do Brasil.

Muito me desvaneece, ainda, usar da palavra na Congregação desta Faculdade, nesta ocasião, para homenagear a memória de quem integra, enaltece e enriquece a tradição desta Casa; daquele que foi nosso mestre e verdadeiro mestre, na mais completa expressão da palavra, pela cultura, pela inteireza e elevação da sua estatura intelectual e moral, notável espírito de solidariedade humana, cavalheirismo e bondade, pelo que fez durante a vida, pela mocidade como educador e amigo leal, pelo estímulo aos estudiosos mais jovens, pelo exemplo de dedicação ao estudo e ao trabalho que legou aos das gerações seguintes e aos das gerações mais novas, pelos horizontes e pelos caminhos que abriu para o esclarecimento da nossa História — da História pura a serviço da verdade — pela obra que deixou e de que têm usufruído centenas de estudiosos e dezenas de historiadores que muito e muito lhe devem.

Muito oportuna se faz, no momento, esta homenagem a Afonso de Taunay, antigo professor desta casa, não somente devido à comemoração do seu centenário, como também por oferecer ensejo à meditação sobre a importância de se cultivar a memória, de se respeitar e prestigiar a obra de todos aqueles que, com dedicação, trabalharam e estudaram as coisas do nosso passado; que abriram caminhos, indicaram rumos e de cujo trabalho se têm beneficiado gerações de pesquisadores e de estudiosos no campo, não somente da História propriamente dita, como das Ciências Humanas em geral; disso tudo, enfim, que é nosso, que nos pertence a todos, que integra todo um amplo patrimônio cultural comum, coletivo, digno de ser preservado e ampliado. Isto corresponderia à valorização da nossa História, hoje tão desprestigiada, relegada a plano secundário, diluída nos recém-implantados 'Estudos Sociais' . . .

Senhor Diretor. Agradecendo à atenção de V. Excia. e a dos prezados colegas ao que venho de pronunciar, solicito a V. Excia. a consignação em ata desta homenagem ao Mestre Dr. Afonso de Taunay, bem como a comunicação à sua família, na pessoa do seu não menos ilustre filho, o eminente médico e cientista Dr. Augusto de Taunay, atual Diretor do Instituto Adolfo Lutz.